

Literatura francesa: patrimônio mundial de letras e artes. Mito ou realidade?

French Literature: world patrimony of arts and letters. Myth or reality?

César **CUMBE**

Professor da Universidade Pedagógica de Maputo.
Maputo, Moçambique.

climbe@voila.fr

Resumo

A literatura francesa constitui um legado patrimonial (re)conhecido nos cinco continentes pelo seu caráter emancipador, humanista, engajado e visionário. As hibridades identitárias (origens búlgara, argelina, marroquina, russa...), social (origens camponesa, burguesa, operária, comerciante...), cultural (literatura, pintura, teatro, cinema) e religiosa (católicos, protestantes, judeus...) dos escritores franceses, se refletem de maneira exemplar na pluralidade da respectiva produção literária. Enfim, a apropriação do francês praticado na África negra contrasta a abertura literária da França que por um lado vê potencialidades em autores africanos que escrevem no francês da metrópole (francês veicular) e por outro lado vê decadência em autores africanos que escrevem no francês local (francês vernacular) colocando assim os escritores africanos de língua francesa num dilema de ter que optar entre escrever “à maneira africana” para conquistar o leitorado plurilingue do sul ou escrever “à maneira europeia” para conquistar o leitorado monolíngue do norte.

Palavras-chave: literatura, patrimônio, letras, artes, mito, realidade.

Abstract

Franco-French literature constitutes a patrimonial legacy (re)recognized in all five continents due to its emancipating, humanistic, engaged and visionary character. Identity hybridity (Bulgarian, Argelian, Moroccan, Russian origins...), social origins (peasantry, bourgeoisie, working class, traders...), cultural (literature, painting, theatre, cinema) and religious background (catholic, protestants, Jews...) of the Franco-French writers, are reflected in an exemplary manner in the plurality of the respective literary production. However, the appropriation of the French practiced in Black Africa contrasts the literary opening of France that, on one hand sees potential in African authors that writes in metropolitan French (vehicular French) and, on the other hand, sees decay in African authors writing in local French (vernacular French) thus placing francophone African writers in a dilemma of having to choose between writing "the African way" to conquer the southern multilingual readership or write "the European way" to conquer the northern monolingual readership.

Keywords: literature, patrimonial legacy, humanities, art, myth, reality.

La littérature joue un rôle capital dans la conscience que la France prend d'elle-même et de sa civilisation. Aucune autre nation ne lui accorde une place comparable. Il n'y a qu'en France où la nation entière considère la littérature comme l'expression entière de ses destinées.¹

1 | Ernst-Robert Curtius citado por Luc Pinhas, *Éditer dans l'espace francophone*. Paris: Alliance des Éditeurs Indépendants, 2005, p. 31.

2 | Pascale Casanova citada por Luc Pinhas, *Éditer dans l'espace francophone*. Paris: Alliance des Éditeurs Indépendants, 2005, p. 32.

3 | A revista "Notre Libraire" já consagrou números literários focalizados sobre países: Literatura do Zaire (nº 63), do Benim (nº 69-124), do Mali (nº 75-76), da Costa de Marfim (nº 86-87), da Guiné (nº 88-89), do Congo (nº 92-93), da República centro-africana (nº 97), dos Camarões (nº 99-100), do Gabão (nº 105), do Níger (nº 107), de Cabo-verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe (nº 112), de Moçambique (nº 113), das Maurícias (nº 114), de Angola (nº115), etc.

4 | A revista "Notre Libraire" já consagrou números literários focalizados sobre zonas geográficas: África negra (nº 125-126), Caraíbas (nº 106- 127), Oceano Índico (nº 104).

A literatura, em tanto que produção, consumo e intercâmbio, confere uma grande reputação à França e em particular à Paris, "capital mundial das letras" e "porta de entrada do mercado mundial de bens intelectuais"². Esta invejável sublimação nos leva a questionar se estamos perante um mito ou uma realidade atestada. Partindo do princípio que cada país³, continente⁴, língua⁵ e sexo⁶ tem sua própria tradição literária, é legítimo questionar o que é que determina o sucesso do pressuposto legado patrimonial literário universal e intemporal da França. Em outras palavras, o que é que escrevem de tão especial os escritores africanos de língua francesa até ao ponto de conquistar leitores além-fronteiras? Como é que escrevem? Por que é que escrevem? Para quem é que escrevem? Para encontrar elementos de resposta a estas perguntas espinhosas, por um lado examinaremos o percurso de alguns escritores franceses, suas obras, ações e influências, com particular destaque para Paul Éluard e sua obra intitulada "Poemas para todos" publicada em 1959; por outro, examinaremos o percurso de alguns escritores franco-africanos, suas obras, ações e influências, com particular destaque para Lye Mudaba Yoka e suas obras intituladas "O coveiro"⁷ e "Kinshasa, sinais de vida"⁸. Analisaremos igualmente os canais de edição, difusão, distribuição e comercialização da produção literária francófona e estrangeira traduzida em francês.

5 | A revista "Notre Libraire" já consagrou números literários focalizados sobre a língua francesa (nº 108), inglesa (nº 152), espanhola e portuguesa (nº 80).

6 | A revista "Notre Libraire" já consagrou números literários focalizados sobre a voz da mulher (nº 117-118-172); Marina Yaguello, embora não necessariamente com um enfoque literário escreveu um ensaio sociolinguístico da condição feminina intitulado "Les mots et les femmes" em 1978 e um outro focalizado sobre a problemática do sexo das palavras intitulado "Le sexe des mots" em 1989.

7 | YOKA, Lye Mudaba. *Le Fossoyeur et sept autres nouvelles*. Paris: Hatier, 1986.

8 | YOKA, Lye Mudaba. *Kinshasa, signes de vie*. Paris: L'Harmattan, 1999.

9 | PLOQUIN, Françoise; HERMELINE, Laurent; ROLLAND, Dominique. *Littérature française. Textes officielles*. Paris: Hachette, 2000, p.2.

10 | FAYOLLE, Roger. "D'une histoire littéraire à l'histoire des littératures", SCOLIES, 1972, p.20.

11 | Pensemos na criação do Instituto de Literatura e de Técnicas artísticas de massa dirigido por Robert Escarpit na Universidade de Bordeaux.

12 | Pensemos no Concurso da melhor novela em língua francesa organizado pela agência de Cooperação Cultural e Técnica e Rádio França Internacional desde 1972.

13 | BUGUL, Ken. "Écrire aujourd'hui: questions, enjeux et défis". Notre Libraire nº 142, Octobre-décembre 2000, p.6.

14 | Antonin Artaud (1896-1948), escritor e dramaturgo, teve uma trajetória atormentada e dolorosa; Émile Chartier (1868-1951), professor anticonformista, poeta em prosa, polemista feroz, epistolário, memorialista e esteta, terminou a sua vida na cadeira de rodas; Georges Bataille (1897-1962), teve uma vida tumultuosa, com uma mãe deprimida e um pai sífilítico, cego e paralisado; Louis Althusser (1918-1990), escritor e ensaísta, passou toda a sua vida entre cadeia e psiquiatrias; Louis Aragon (1897-1982), só conheceu o segredo de sua filiação aos 20 anos, um pouco antes de partir para guerra, durante toda a vivência anterior a mãe sempre se apresentou como irmã mais velha, etc.

15 | Avril de Sainte-Croix (1855-1939), jornalista e escritora, militou pelo feminismo, pacifismo e defesa das prostitutas; Paul Éluard (1895-1952), poeta surrealista, militou pelo comunismo e por uma poesia mais social (simples, direta, ousada, acessível); Simone de Beauvoir (1908-1986), filósofa, professora e escritora, militou pela condição da mulher, contra a opressão, a discriminação e a exclusão.

Escritores de língua francesa no hexágono e em África negra: análise sincrônica e diacrônica

Para os críticos literários, do ponto de vista diacrônico, a literatura pode ser definida como o "conhecimento vivo de autores que escreveram textos marcantes"⁹ em diferentes épocas ou correntes literárias. Porém, do ponto de vista sincrônico, este conhecimento implica conhecer a vida, a obra, a visão, a ação e a influência do autor na sua geração literária ou em um determinado momento histórico (ontem, hoje e amanhã). Importa sublinhar que a literatura em tanto que arte da linguagem compreende "produção, consumo e intercâmbio"¹⁰ tanto no seio da elite letrada assim como no seio das massas populares¹¹ semiletradas explorando múltiplas formas estéticas, temáticas literárias e técnicas artísticas. É interessante notar que a história literária francesa oferece muitos exemplos de gênios literários anticonformistas que se demarcaram deliberadamente das elites culturalmente dominantes dos seus tempos, tal é o caso de Jean-Jacques Rousseau que se opôs aos enciclopedistas, à Arthur Rimbaud, à Nietzsche, à Jules Vallès, à Oscar Panizza.

Hoje em dia, um pouco por todo lado no mundo, multiplicam-se exemplos de escritores anticonformistas que se opõem aos regimes das elites culturalmente e politicamente dominantes dos seus países através de obras literárias se fazendo ouvir além-fronteiras em língua francesa¹² para denunciar a injustiça, a exclusão social, a guerra, a corrupção, os ladrões da independência (Yoka Lye Mudaba, 1986, Zaire), os coveiros da juventude (Ibrahima Sall, 1986, Senegal), a animalidade dos tiranos (Cheikh C. Sow, 1986, Senegal), o reino do pitão e do Mercedes preto (Kitia Touré, 1986, Costa de Marfim), a valsa das estrelas no betão frio (Baba Moustapha Chade), o Estado surdo-mudo (Sony Lab'ou-Tansi, 1986, Congo), a esponja dos brancos (Senouvo Agbota Zinsou, 1986, Togo), preconceitos ridículos (Alexis Goma-Loufouma, 1986, Congo), etc.

No fundo, do ponto de vista pragmático, escrever uma obra literária ou para-literária é agir e transcender épocas, lugares e autores levantando uma série de questões que Jean-Paul Sartre (1948) coloca nestes termos: o que é a literatura? O que é escrever? Por que escrever? Para quem escrever? Na mesma linha de pensamento, Ken Bugul¹³ questiona: escrever hoje é diferente de escrever ontem ou de escrever amanhã? Escrever hoje é diferente de não escrever hoje? Escrever hoje é uma paixão, uma necessidade ou um dever? E escrever para quem? E escrever o quê? E por que escrever? E como escrever? E quem pode escrever? E quem deve escrever? E quem escreve hoje? É preciso escrever para história, pelo dever da memória, para hoje ou para amanhã?

Uma análise sincrônica e diacrônica permite constatar que os escritores de língua francesa tanto do hexágono assim como da África negra procuram responder às preocupações do cidadão comum através das suas obras. Muitos destes escritores tiveram vivências cruéis¹⁴, uma experiência militante¹⁵ e uma preocupação permanente de despertar a humanidade através da literatura. Efetivamente, para muitos destes escritores a literatura milita a

favor da liberdade e contra todas as injustiças, pois, lembra Jean-Paul Sartre (1948:176), “o pessoal literário se recruta grosso modo no mesmo meio que o pessoal político (...) o escritor tem deveres para com o Estado”. Não obstante, a realidade africana revela que o compromisso do escritor é mais com o cidadão e não com Estado. Antes pelo contrário, o escritor africano escreve para desabafar, gritar, criticar, resistir e denunciar o que vai mal no seu Estado, perigando assim a sua própria vida, muitas vezes sujeita à ameaça, exílio, prisão, incerteza e até assassinato. O escritor africano, consciente das limitações do acesso à leitura na África, procura explorar diferentes gêneros literários (romance, novela, teatro, conto, poesia, testemunha, autobiografia...) e outras formas de comunicação (crônicas satíricas, ensaios...) como nos revela o exemplo do escritor congolês, Lye Mudaba Yoka¹⁶ que apresentamos em seguida.

Lye Mudaba YOKA: Mestre da palavra e da escrita

Importa salientar que na África, assim como no Oceano Índico e nas Antilhas, a literatura se inspira do fundo imemorial da oralidade, do plurilinguismo, de máximas populares e da antroponímia autóctone. Lye Mudaba Yoka não escapa à regra. Na sua estreia literária, “Le fossoyeur”¹⁷, 1º prêmio do concurso melhor novela de língua francesa¹⁸, mergulha o leitor de maneira incisiva na greve dramática dos coveiros do “cemitério periférico”¹⁹ de Kyadi, agastados de enterrar desumanamente “cadáveres periféricos inocentes” auferindo “salários periféricos”. Mas a greve dos coveiros é apenas uma porta de entrada, pois o leitor descobre e testemunha o drama quotidiano de toda “gente periférica” que vive nos “bairros periféricos” entregue à sua sorte confrontados à injustiça, à inveja, à vingança, à violência, ao feitiço, às tensões étnicas, à assassinações e prisões arbitrários, à pena de morte. Coisa interessante neste texto, o autor valoriza a linguagem popular²⁰, os nomes autóctones²¹, a tradição²² e as máximas populares²³. “Le fossoyeur” começa com o discurso do corajoso coveiro grevista²⁴ e termina com uma sábia máxima popular²⁵ pronunciada pelo filho, Mwamba, único jovem universitário da zona que estuda direito e sonha acabar com a injustiça que afeta toda “gente periférica”, os esquecidos, os “Deixado Atrás”²⁶.

Mestre da palavra e da escrita, Lye Mudaba Yoka, é também mestre da “semiótica quotidiana”²⁷. Na sua obra “Kinshasa, signes de vie”²⁸, o autor procura decifrar os códigos, os signos e as máscaras onipresentes em Kinshasa, “Europa Negra dos poetas africanos”²⁹ assombrada não só por almas de “defuntos periféricos”, mas também por almas de defuntos literários, religiosos, políticos..., entre os quais destaca o seu próprio pai Mayerenge-Musamba Yoka (1890-1995), o escritor Sony Lab’ou Tansi (1947-1995), o jornalista e escritor Lomami Tchibamba (1914-1985), o Cardinal e militante da consciência africana Joseph-Albert Malula (1917-1989), o músico e fundador da orquestra “African-Jazz” Joseph Kabasele (1930-1983), o militante da independência e da unidade nacional Patrice Emery Lumumba (1925-1961). Nesta obra, a nossa atenção se centrou no capítulo “Ombres en lumière (Évocations)”, pelo seu interesse literário combinando conto, canto, novela, história de vida, testemunha, autobiografia,

16 | Lye Mudaba Yoka, nasceu em Kinshasa em 1947. Doutorada em Letras pela Universidade Paris III (Sorbonne), é autor de várias obras de ficção, laureado de vários prêmios nacionais e internacionais, professor no Instituto Nacional das Artes, Coordenador da Sociedade dos Direitos de autor, Presidente da ONG “Observatório da Cultura Urbana” e Consultor no Ministério da Cultura e das Artes da república do Congo.

17 | YOKA, Lye Mudaba. *Le fossoyeur (nouvelle)*. Paris: Ed. Hatier, 1975.

18 | Concurso organizado pela Agência de Cooperação Cultural e Técnica e Rádio França Internacional desde 1972, inicialmente destinado para África negra e para Oceano Índico, posteriormente alargado para América, Europa, Ásia e Oceânia.

19 | Os termos entre aspas são usados literalmente pelo autor e traduzidos do francês para o português.

20 | Com destaque para o uso de neologismos (“grever” no lugar de “faire grève”...), de palavras raras ou arcaicas (bicoque no lugar de “cabane”, case no lugar de “maison”, cachot no lugar de “prison”...), de expressões típicas (“gardiens des tombes contre tous les voleurs de l’indépendance”, “le mauvais Blanc”, “maires-épouvantails sans mot de passe”...

21 | Nomes de pessoas (Bidjiziem’, Djiziem’, Ziem’, Mwamba), de lugares (Kyadi, Bomengo), de etnias (Mus’ito), de objetos tradicionais.

22 | Os hábitos e costumes locais, os mitos e lendas, a força dos defuntos, o respeito pelos anciãos.

23 | Para exaltar a sabedoria, a esperança, a ingenuidade e a inocência da “gente periférica” dos “bairros periféricos” que tem os seus próprios centros.

24 | Que se pronuncia nestes termos: "Je ne travaille pas aujourd'hui! Oh! Ce n'est pas une grève! La grève est strictement interdite. Alors je ne grève pas, je proteste moi-même (...)" É de notar que ao longo do texto, o cozeiro narra fatos vívidos sem nunca se identificar pelo seu próprio nome. Esta omissão reforça simultaneamente o caráter ingrato de sua profissão e a sua solidariedade com os outros cozeiros anônimos. A omissão do nome próprio é observável igualmente com o Senhor administrador do distrito (mauvais blanc), o Missionário da paróquia e o presidente da câmara (voleurs de l'indépendance) para marcar uma certa distância e de certo modo desprezo. Por que se interessar ao uso do nome próprio no texto de Lye Mudaba Yoka? Porque, "Dar o nome, pôr o nome, sempre foi assunto de interesse para o africano". RIBEIRO, Armando. *Valores da Linguagem e antroponímia. Estudo sobre a língua changana*. Maputo: Paulinas, 1998, p. 131.

25 | "La révolution, c'est comme une main. Un doigt seul, le pouce ou l'index, ne peut rien faire. Mais refermez tous les doigts ensemble: c'est un poing. La révolution, c'est ce coup de poing sur la table branlante de l'injustice", p. 11.

26 | Título do álbum de Mário Maciliau, jovem fotógrafo moçambicano, com textos dos escritores Mia Couto e Ondjaki.

27 | Termo utilizado pelo autor para se definir ele próprio.

28 | YOKA, Lye Mudaba. *Kinshasa, signes de vie*. Paris: Ed. Harmattan, 1999.

29 | Metáfora utilizada pelo autor, p. 132.

30 | O autor evoca o ritual de cerimônias fúnebres marcadas por cânticos autóctones, danças étnicas, hábitos e costumes locais, diálogo com os defuntos, protocolo familiar ou tribal...

denúncia. As personagens evocadas neste capítulo são apenas um pretexto para mergulhar o leitor na História e nas histórias do Congo onde o autor enaltece os valores da tradição³⁰, da linguagem³¹, da memória coletiva³², sem porém omitir o drama da guerra, da violência urbana, da greve, do desemprego.

Escritores de língua francesa: cidadãos do mundo

A dimensão planetária da literatura francesa é realçada pela experiência dos autores no estrangeiro em viagens de lazer (Paul Éluard, 1895-1952, dá volta ao mundo em 1924); de estudos (Jean-Paul Sartre, 1905-1980, continua sua formação filosófica no Instituto Francês de Berlim); de trabalho (Michel Butor, 1926, é professor de letras no Egito, em Manchester, em Genebra, nos Estados Unidos, na Austrália) e de exílio político (Georges Bernanos, 1888-1948, se refugia no Paraguai, no Brasil e na Tunísia). Para além da rica experiência de vida no estrangeiro, o caráter planetário da literatura franco-francesa é reforçado pela heterogeneidade dos próprios escritores em termos identitários (origem búlgara para Júlia Kristeva, argelina para Albert Camus, marroquina para Alain Bidou...); sociais (origem camponesa para Émile Chartier, burguesa para Michel Alexandre, operária, comerciante...); profissionais (professora para Simone de Beauvoir, banqueiro para Guillaume Appolinaire, médico para Louis Aragon, jornalista para Avril de Sainte-Croix...); culturais e religiosos (católicos, protestantes, judeus, muçulmanos...) que se refletem numa produção literária diversificada, abrangente, crítica e humanista. É de salientar que o legado antroponímico estrangeiro entre os escritores franceses é também uma grande mais-valia não desprezível das potencialidades da literatura francesa além-fronteiras nos valores que ela veicula e no diálogo entre as culturas.

Importa acima de tudo destacar a obra "Poemas para todos" de Paul Éluard que revela de maneira exemplar a preocupação dos escritores franco-franceses pelos direitos humanos e pela vida quotidiana do cidadão comum nas suas diferentes facetas. Na visão deste gênio literário, "o poeta tem o mundo, a história para partilhar com todos e os problemas de todos para resolver"³³. O seu reportório poético aborda assuntos sociais, políticos e morais, sempre com mensagens de esperança e de bons ensinamentos. Entre os vários títulos se destacam: *O dever e a inquietação* (1917); *Poemas para Paz* (1918); *Capital da dor* (1926); *A vida imediata* (1932); *As mãos livres* (1937); *O livro aberto* (1940); *Poesia e verdade* (1942); *Poemas políticos* (1948); *Uma lição moral* (1949), *Homenagens* (1950), etc. Como se pode depreender, estes títulos não só marcam o grito do poeta revoltado contra as atrocidades da sua época, como também testemunham o impacto da sua ação poética no passado, no presente, no futuro e no mundo. Paul Éluard, numa conferência dada na Espanha em 1936, defendia que "todos os poetas tem o direito e o dever de assumir que estão profundamente comprometidos com a vida dos outros, com a vida comum"³⁴ ou simplesmente com a humanidade.

Quanto aos escritores africanos de língua francesa, em particular os da África negra, importa salientar que a maior parte deles, incluindo o próprio Lye Madaba Yoka, se

formaram na França e são mais hostis, críticos e sensíveis aos regimes de ditadura dos seus países. Muitos deles chegaram até a assumir altos cargos na academia (professores), na política (conselheiros), na cultura (membros da UNESCO). Na sua maioria são publicados fora dos seus países. Apesar de se inspirarem dos grandes mestres do Norte que até citam nos seus textos³⁵, não perdem de vista a sua identidade literária africana que se manifesta não só nos temas abordados, mas também na legitimação do francês língua africana (Pierre Dumont, 1990), no qual escrevem sem complexos muitas vezes dando a entender que se distanciam ou se opõe do francês da metrópole. Embora os puristas da língua francesa acusem os escritores africanos de serem responsáveis da decadência do bom uso da língua, o fato de serem difundidos e até residirem no Norte, mostra que são “bem vistos” e de certo modo são continuadores das causas nobres que os próprios seus homólogos franceses defenderam e continuam a defender.

Leitores e recepção da literatura de língua francesa

É sabido que a língua francesa é falada por mais de duzentos milhões de locutores repartidos pelos cinco continentes, dos quais mais de dois terços não são nem franceses nem europeus. Como se pode notar, os potenciais leitores da literatura de língua francesa estão fora do hexágono e nem sequer cabem nas estatísticas oficiais da Agência intergovernamental da Francofonia. Por conseguinte, a literatura de língua francesa não só erra pelo mundo ao encontro de outras culturas como também contribui para a influência do espírito literário francófono na conquista da liberdade e do bem-estar da humanidade, dando assim uma face mais humana à atual mundialização galopante, hegemônica e monolíngue. Obviamente, se questionar sobre o leitorado e a recepção da literatura de língua francesa é levantar a problemática do domínio da língua francesa e da alfabetização no espaço francófono. É levantar igualmente a problemática da norma linguística francesa perante outras variedades linguísticas. Porém, na visão dos escritores franceses, em particular de Paul Éluard com a sua obra “Poemas para todos”, existe uma vontade deliberada de tornar a literatura mais acessível ao grande público quebrando todo tipo de barreiras (linguísticas, étnicas, geográficas). Até certo ponto, a missão do escritor é tão nobre que, lembra Paul Éluard (1962:9), escrever (poemas, contos, romances, novelas...) é “abrir verdadeiramente ao homem uma porta maior” e humanizar o mundo.

Os escritores francófonos, mesmo nos países que estão confrontados com uma taxa de alfabetização bastante fraca, com problemas de fome, de seca e da guerra, se inscrevem no mesmo paradigma de ação literária com a preocupação de salvaguardar e de preservar o patrimônio oral (Amadou Hampâté Bâ, Mali), de denunciar o abuso do poder e a violação dos direitos humanos (Mongo Béti, Camarões), de encenar criticamente a vida quotidiana com mensagens de esperança (Lye Maduba Yoka). A divergência temática entre os escritores francófonos representa um ganho para o leitorado que aprecia as diferentes propostas literárias respondendo às suas inquietações ou curiosidades sem limites.

31 | Uso de línguas vernáculas, máximas populares e expressões idiomáticas...

32 | Enaltecimento dos bem-feitos das celebridades políticas, literárias, humanistas, artísticas supracitadas.

33 | ÉLUARD, Paul. *Poèmes pour tous. Choix de poèmes 1917-1952*. Les éditeurs français réunis. Paris: 1962, p. IX.

34 | Dictionnaire des auteurs, Tome 2, p. 104.

35 | Lye Maduba Yoka cita Roland Barthes, Greimas na sua obra *Kinshasa, Signes de vie*, p 135; Gabirel Manessy, *Le Français en Afrique Noire. Mythes, stratégies, pratiques*, Paris, Harmattan, p. 192, cita L.C. Prat que constata que “no que diz respeito ao francês literário, o código da língua é rigorosamente o mesmo, tanto para Gide, Medou Mvomo, Camus, Mongo Beti, Saint-Exupery, Cheick Hamidou. O que muda, é o código do uso”.

Conclusão

No fecho desta reflexão inacabada sobre potencialidades da literatura francesa – entre decadência e renovação, importa referir que a dimensão patrimonial da literatura francesa se deve por um lado, ao talento dos grandes autores que marcaram diferentes épocas e correntes literárias, mas também por outro lado, pelo contributo da França na formação de escritores e intelectuais africanos, na promoção, difusão, distribuição e comercialização das suas obras no mercado internacional a partir dos editores franceses que atraem igualmente autores belgas, suíços, canadenses, sem perder de vista os diferentes eventos de renome em torno do livro (Salão do livro) ou ainda concursos literários para estimular o gosto pela escrita. O inventário das particularidades do francês escrito e falado na África negra (Senegal, Mali, Níger, Costa de Marfim, Togo, Benim, Burkina Faso, Camarões, República centro-africana, Tchad e Ruanda) atesta a apropriação, a renovação e a adaptação da língua francesa para expressão dos valores da africanidade (neologismos, máximas populares, expressões idiomáticas). Não obstante, é preciso reconhecer que o fosso entre o francês das elites letradas (formadas em França) e o francês dos iletrados representa uma certa decadência, pois é responsável do fracasso escolar onde a norma de referência é o francês do hexágono. Enfim, o pano de fundo da literatura, tanto no norte assim como no sul, está muito além das preocupações estéticas, estilísticas e retóricas.

Referências Bibliográficas

AMAR, Yvan. “Les littératures francophones”, in *La Francophonie Fresque et mosaïque*. Paris, Centre de Documentation Pédagogique, 1996.

ANGRAND, Pierre. *Victor Hugo raconté par les papiers d'état*. Paris: Gallimard, 1961.

BOMPIANI, Laffont. *Dictionnaire des auteurs de tous les temps et de tous les pays*. Tome II, Paris, Robert Laffont, pp 104-105.

BRUNNEL, Pierre (dir). *Dictionnaire des mythes littéraires*. Poitiers: Éditions du Rocher, 1988.

DOUBY, Georges (dir). *Histoire de la France. Des origines à nos jours*. Paris: Larousse, 1995.

ELUARD, Paul. *Poèmes pour tous*. Choix de poèmes 1917-1952. Paris: Les Éditeurs Français Réunis, 1959.

FAYOLLE, Roger. D'une histoire littéraire à l'histoire des littératures, *SCOLIES n°2 1972*, Cahiers de Recherche de l'École Normale Supérieure.

JUILLARD, Jacques; **WINOCK**. *Dictionnaire des intellectuels français*. Paris: Seuil, 1996.

MARTIN, Patrice; **DREVET**, Christophe. *La langue française vue d'ailleurs*. Casa Blanca, 2001.

PINHAS, Luc. *Éditer dans l'espace francophone. Législation, diffusion, distribution et commercialisation du livre*, Paris, Alliance des éditeurs indépendants.

PLOQUIN, Françoise; **HERMELINE**, Laurent; **ROLLAND**, Dominique, *Littérature française. Les textes essentiels*. Paris: Hachette FLE, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth. L'inconscient et ses lettres, *Action Poétique*, n° 45, 1970, p. 46-68.

SARTRE, Jean-Paul. *Qu'est-ce que la littérature*. Paris: Folio, 1985.